 

**A RELAÇÃO ENTRE O NÚMERO DE ACIDENTES COM ANIMAIS PEÇONHENTOS COM O AVANÇO DA ZONA URBANA E DO AGRONEGOCIO NO MUNICÍPIO DE LUIS EDUARDO MAGALHÃES – BAHIA**

**Luan de Jesus Matos de Brito1**

Animais peçonhentos são conhecidos como aqueles que podem inocular peçonha, tais como serpentes, escorpiões, aranhas, mariposas e suas larvas, abelhas, formigas, vespas, besouros, lacraias, peixes e águas-vivas. Antes da colonização do território brasileiro, acidentes com animais peçonhentos constituíam um problema a saúde coletiva, estes dados tomaram maior visibilidade com a criação do serviço especial de notificação, em 1989. Na contemporaneidade, os acidentes com estes animais ainda são tidos como graves a saúde pública, tanto pelo número de ocorrências, quanto pela gravidade, podendo levar a óbito e alguns casos, sequelas permanentes ou temporárias, essas sequelas se dão, na maioria das vezes, pelo tratamento incorreto, tardio ou a falta dele. Os acidentes por peçonhentos, sobretudo, os ofídicos foram incluídos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) na lista de doenças tropicais negligenciadas. Para a realização deste levantamento, foi solicitado à Diretoria de Vigilância em Saúde, da Secretaria de Saúde do Município de Luis Eduardo Magalhães – BA os dados referentes ao número de casos de acidentes de animais peçonhentos entre os anos de 2007 e 2019, com informações a respeito do número de óbitos, ano de ocorrência e tipo de animal. Foram notificados 1079 acidentes causados por animais peçonhentos, tendo como média anual, 83 casos, com seu coeficiente de incidência variando entre 0,0002 e 0,0020 por 100 mil habitantes, colocando a estimativa populacional do IBGE para o ano de 2019, esse coeficiente varia entre 0,0002 e 0,0023 (nº de casos/87.519). Em números totais, 2007: 33; 2008: 49; 2009: 55; 2010: 37; 2011: 54; 2012: 47; 2013: 30; 2014: 21; 2015: 87; 2016: 142; 2017: 123; 2018: 199; 2019: 202. Nesse sentido, percebe-seapenas dois óbitos, ocorridos no ano de 2012. Do total de 1079 casos, 164 foram causados por serpentes, 72 por aranhas, 568 por escorpiões, 3 por lagartas, 213 por abelhas e 29 por outros animais, além de 15 casos sem identificação do tipo de animal. O número de casos vinha apresentando queda entre os anos de 2011 e 2015, e a partir de 2016, sofreu aumento de 63,2% referente ao ano anterior, dados que não seguem o aumento populacional, segundo a estimativa do IBGE entre estes dois anos, que foi de apenas 3,2%. Sendo assim, a alternativa para o aumento no número de casos dá-se pelo alto desenvolvimento agrícola, que compromete a qualidade ambiental. 49,39% do território do município eram utilizados para a agropecuária em 2008. Em 2016, essa área teve um acréscimo de 0,3% em relação há oito anos antes, um aumento de 6,31km². Outro motivo para esse aumento de casos é a falta de políticas públicas por parte do governo municipal, que em 20 anos de municipalização, não apresentou nenhum programa de abertura de parques urbanos, locais que servem de refugiu para estes animais, além de outros de pequeno porte. Diante do exposto, fica claro que os processos de urbanização e de desenvolvimento agrícola devem estar acompanhados do planejamento de manejo e conservação dos aspectos naturais do território a ser utilizado para tal fim.

**Palavras-chave:** Animais peçonhentos – Urbanização – Biologia da Conservação – Epidemiologia – Saúde Pública.

1 Aluno da Universidade do Estado da Bahia; Curso: Licenciatura em Ciências Biológicas; Endereço eletrônico: matosbritolj@gmail.com

